

**EXÍLIO NO BRASIL DE ESCRITORES E INTELLECTUAIS DE
FALA ALEMÃ E A LITERATURA DO EXÍLIO
DE ULRICH BECHER E HUGO SIMON**

*Izabela M. Furtado Kestler**

Abstract: This paper presents some of the major aspects of the history of German exile after 1933 and the history of the exile of German-speaking writers and intellectuals in Brazil. The second part of the title is focused on the works of exile written by Ulrich Becher and Hugo Simon in Brazil.

Keywords: Literature of the German exile; History of exile; German exile in Brazil.

Zusammenfassung: Der vorliegende Aufsatz stellt einige der wichtigsten Aspekte der Geschichte des deutschen Exils nach 1933 und der Geschichte des Exils der deutschsprachigen Schriftsteller und Intellektuellen in Brasilien dar. Der zweite Abschnitt der Arbeit konzentriert sich auf die in Brasilien geschriebenen Exilwerke von Ulrich Becher und Hugo Simon.

Stichwörter: Exilliteratur; Exilgeschichte; Deutsches Exil in Brasilien.

Palavras-chave: Literatura do exílio; História do exílio; Exílio alemão no Brasil.

* A autora é professora doutora da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
Endereço da autora: Rua Senador Vergueiro, 200 apto. 401, CEP 22233-900
Flamengo, Rio de Janeiro, RJ.

“Lá onde se queimam livros, um dia também se queimarão pessoas.”
(Heinrich Heine)¹

0. Introdução

Neste ensaio apresento alguns dos principais aspectos histórico-políticos do exílio de escritores e intelectuais de fala alemã no Brasil, enfocando sobretudo as obras escritas no Brasil ou de temática brasileira de dois autores praticamente desconhecidos: Ulrich Becher e Hugo Simon (KESTLER 1992). Não abordarei aqui as obras escritas e/ou concluídas no Brasil por Stefan Zweig. Tanto o exílio deste autor no Brasil quanto suas obras já foram objeto de estudos aprofundados, realizados entre outros autores por Alberto Dines em *A morte no paraíso. A tragédia de Stefan Zweig* (DINES 1981). Para melhor compreensão do tema, traço aqui em primeiro lugar um panorama da história do exílio durante o nacional-socialismo na Alemanha.

1. Alguns aspectos da história do exílio

“O exílio não é uma invenção do século XX. Há, na história de todos os países e em todas as épocas, relatos de perseguição e banimento de minorias. A emigração em massa de pessoas provenientes do III Reich é, entre os casos conhecidos, no entanto, única e singular. Nunca antes na história de um país ocorreu a emigração em massa dos representantes da cultura e da ciência de um povo.” (BERG & BÖHME 1981: 419)

O fato histórico-político que provoca o exílio é a subida ao poder do partido nacional-socialista triunfante com a indicação pelo

¹ Citado segundo STAGHUN 1997: 54.

presidente Marechal Hindenburg de Adolf Hitler para o cargo de primeiro-ministro (chanceler) da Alemanha no dia 31 de janeiro de 1933. A chegada ao poder dos nacional-socialistas na Alemanha pela via democrática como consequência quase natural da instabilidade e do radicalismo político dos últimos anos da República de Weimar (1918-1933) provocou em pouco tempo o êxodo em massa de escritores, intelectuais de vários matizes políticos, artistas, cientistas, sindicalistas, políticos de quase todos os espectros (em primeiro lugar comunistas e social-democratas) e, com o correr dos anos, da minoria mais ameaçada (judeus alemães). No caso dos escritores e intelectuais, a maioria absoluta abandonou a Alemanha nazista em pouco tempo: até outubro/novembro de 1933.

É importante mencionar aqui que o início do êxodo em massa de escritores se dá não imediatamente após a nomeação de Hitler, mas sim com o incêndio criminoso do *Reichstag* (Parlamento alemão) na noite de 27 para 28 de fevereiro de 1933. Nesta mesma noite têm início a perseguição, o terror e a detenção de escritores e intelectuais de esquerda, assim como de opositores ao regime. A sequência de acontecimentos (dissolução e proibição de todos os partidos políticos, implantação do regime ditatorial, criação de organismos oficiais de controle de publicações e de toda atividade artística, a queima ritual de livros em muitas cidades alemãs no dia 10 de maio de 1933 etc.) vem demonstrar que a fuga dos escritores e intelectuais não fora uma precipitação. O regime nacional-socialista, na percepção da maior parte da intelectualidade, não era igual a qualquer outro tipo de governo autoritário.

“O objetivo do nacional-socialismo não era tomar o lugar do opositor político, mas sim realizar uma espécie de ‘ajuste de contas’ na tradição das lutas religiosas.” (RÖDER & STRAUSS 1980: xxxv)

Além disso, o nacional-socialismo pretendia não só o poder político, mas também – e este aspecto é o mais importante no tocante à literatura – o poder ideológico, ou seja, impor sua *Weltanschauung*

em todos os campos culturais. Aqui não é o lugar para se analisar em profundidade no que consistia exatamente esta *Weltanschauung*. A par das teorias da suposta superioridade racial do povo alemão, e sobretudo do anti-semitismo – este último é o fator que distingue o nacional-socialismo do fascismo italiano – a principal característica do nacional-socialismo é sua oposição a toda e qualquer idéia política que enseje o respeito às normas democráticas e à manutenção do estado de direito.

No tocante à literatura, basta lembrar que o nacional-socialismo e seus intelectuais preconizavam uma literatura voltada aos pretensos valores “eternos” da raça alemã. Dentro do contexto do pensamento e da práxis do nacional-socialismo, ou seja, de estímulo e fomento de uma política artística, literária e cultural de sustentação ideológica do regime, não havia lugar para escritores, artistas e intelectuais comprometidos ou com a tradição humanista ou com o questionamento moderno do início do século XX. A queima ritual dos livros de autores dos mais variados matizes – desde a autora comunista Anna Seghers até o autor de tradição humanista Stefan Zweig –, patrocinada pelo Ministério da Propaganda sob o comando de Josef Goebbels e com a ajuda decisiva das universidades e dos estudantes em quase todas as cidades universitárias no dia 10 de maio de 1933, é o marco principal da exclusão da produção literária que não convinha aos desígnios do nacional-socialismo.

A partir de 1933 tomaram o caminho do exílio cerca de 500.000 pessoas (ib.: xii). A grande maioria foi forçada ao exílio em virtude da política anti-semita do III Reich. Calcula-se também que cerca de 30.000 pessoas dentro deste universo de 500.000 eram opositores políticos ao regime nazista, e que cerca de 2.000 pessoas exerciam alguma forma de atividade literária. No tocante à fuga em massa de alemães e austríacos de origem judaica, tal fato marca, de um lado o fim da convivência entre alemães e judeus e entre austríacos e judeus (KESTLER 1995: 53). Além disso, a implementação do holocausto na Alemanha,

Áustria e em todos os outros países sob o domínio nazista marca o término da presença judaica na vida cultural e política da Europa.

A história do exílio passa por três fases, ligadas diretamente à consolidação inicial do regime nacional-socialista e posterior anexação da Áustria, à eclosão da II Guerra Mundial e à conseqüente invasão dos países vizinhos à Alemanha pelos exércitos nazistas. A primeira fase, que vai de 1933 a 1938, é denominada de exílio na sala de espera. Ou seja, os exilados se refugiam nos países próximos à Alemanha, aguardando a tão esperada queda do regime nazista. Os principais países de asilo desta fase são: França, Tchecoslováquia, Áustria, Suíça, Holanda, União Soviética e Inglaterra.

A maior parte dos exilados refugiou-se, no entanto, nos dois primeiros países citados, os quais, em função da estabilidade de seus respectivos sistemas democráticos permitiam, e no caso da Tchecoslováquia, até incentivavam as atividades políticas dos exilados. A preferência pela proximidade geográfica explica-se também pelo fato de que inicialmente era consenso entre os exilados de todos os grupos que o nacional-socialismo teria uma vida curta no poder. Nestes países de asilo, escritores e intelectuais juntamente com grupos políticos desenvolveram sobretudo atividades políticas de denúncia do nacional-socialismo. Jornalistas fundaram jornais, editores criaram editoras para publicação de obras do exílio e grupos políticos de diferentes espectros se associaram para lutar contra o regime nazista.

Não cabe aqui traçar todas as linhas de atividade política e cultural de escritores e intelectuais. É importante assinalar, no entanto, que este primeiro período do exílio foi em termos literários, artísticos e culturais o mais frutífero. Com o correr dos anos, as condições de vida de escritores e intelectuais deterioraram-se paulatinamente, sobretudo a partir de 1937-1938. Com o recrudescimento da recessão e do desemprego ao longo dos anos 30, França, Suíça e outros países de

asilo passam a restringir a concessão de vistos de permanência assim como licenças de trabalho para os exilados. Aumenta por outro lado a emigração, sobretudo de judeus alemães, principalmente após o pogrom (denominado pelos nazistas de *Reichskristallnacht*- noite dos cristais) e a queima de sinagogas em toda a Alemanha, realizados na noite de 9 para 10 de novembro de 1938. Com a anexação da Áustria em março de 1938, o número de exilados, que a esta altura já não são mais bem-vindos em nenhum país da Europa, cresce geometricamente. A anexação da Áustria assinala assim o fim do primeiro período do exílio.

O segundo período de 1938 a 1940 é o da fuga em massa de todos os grupos de exilados para países ultramarinos. Em março de 1939 a Tchecoslováquia, que abrigava tantos exilados, é invadida por tropas nazistas. Os grupos provenientes desse país e da Áustria afluem todos para a França e Inglaterra. Finalmente, em 1º de setembro de 1939, tem início a II Guerra Mundial com a invasão alemã da Polônia. Em maio de 1940 ocorre então a invasão da Holanda, Bélgica, Luxemburgo e da França, a qual, após a rendição assinada no dia 22 de junho de 1940, fica dividida em duas partes: a parte norte do país até o sul de Paris é ocupada pelas tropas alemãs e a parte sul permanece “livre” sob o comando do governo colaboracionista do Marechal Pétain, o chamado governo de Vichy. A invasão e ocupação da França provoca então a fuga em massa dos exilados (só na França viviam cerca de 55.000 exilados alemães e austríacos), que, sobretudo de Marselha, no sul da França, tentam obter vistos para países fora da Europa, os quais por sua vez criavam todo tipo de empecilhos na concessão de vistos aos exilados. Dentro deste quadro desesperador e de luta pela sobrevivência, não causa espanto a ausência de qualquer tipo de atividade cultural.

A terceira fase, de 1940 a 1945, denominada fase ultramarina, é marcada pela dispersão dos exilados em quase todos os continentes. Os EUA acolheram a grande maioria dos exilados, enquanto que

a América Latina acolheu entre 75.000 e 90.000 exilados (VON ZUR MÜHLEN 1988: 49). Havia também centros de exílio em Shanghai (China), Turquia, África do Sul, Austrália, Palestina (ainda sob mandato britânico) e até na Nova Zelândia. Em todos estes países de asilo, a maior parte dos escritores produziu obras significativas, as quais em sua maioria não chegaram a ser editadas nos países de asilo. Só em alguns países (México, Argentina, EUA, e na Europa, Inglaterra) foram criadas editoras especializadas na propagação da literatura do exílio.

2. Exílio no Brasil

O mais importante país de asilo na América Latina foi a Argentina, que acolheu entre 45.000 e 50.000 refugiados (ROJER 1989: 1). Após 1933 o Brasil se tornou o segundo mais importante país de asilo na América Latina, acolhendo apenas cerca de 16.000 emigrantes refugiados de fala alemã. Neste contexto, é importante mencionar que proporcionalmente ao tamanho do país, o Brasil acolheu muito menos refugiados do que poderia ter acolhido. Este fato deve-se não só à conjuntura político-econômica da época – Era Vargas, Estado Novo, recessão econômica, simpatia declarada do governo Vargas pelos regimes fascista italiano e nazista alemão – mas também e sobretudo à impiedosa política de imigração do governo brasileiro. A partir de 1937, com a instauração do Estado Novo, a política imigratória é marcada por forte tendência anti-semita, manifesta nas circulares secretas e memorandos enviados pelo Itamarati às representações consulares brasileiras na Europa mais procuradas por refugiados, em sua maioria apátridas. Não cabe aqui traçar um painel completo da legislação e das idéias xenófobas e anti-semitas que norteavam a política imigratória (CARNEIRO 1988: 501). Concomitantemente, realizou-se no Brasil uma política de nacionalização forçada das minorias étnicas, que culmina no caso da minoria de origem

alemã, com a proibição do uso público da língua alemã e com o fechamento de jornais e editoras alemãs em 1941 (OBERACKER s.d.: 1). Na seqüência da instauração do Estado Novo em 10 de novembro de 1937, o decreto de 12 de março de 1938 proibira o funcionamento de “filiais” brasileiras de partidos estrangeiros e quaisquer atividades político-partidárias de estrangeiros. Destes fatos depreende-se que a política de nacionalização como um todo afetou profundamente não só aquelas minorias étnicas, que eram o seu alvo principal – minorias alemãs, japonesas, italianas e outras –, mas também a própria assimilação e aculturação dos refugiados de fala alemã. Não cabe, por outro lado, no escopo deste trabalho traçar um quadro exaustivo da assimilação e da aculturação sócio-econômica dos refugiados de fala alemã no Brasil. É importante assinalar que o decreto citado acima impossibilitou a criação em bases legais de organizações antifascistas de exilados, como ocorreu sobretudo na Argentina e no México. Ou seja, tanto as atividades dos partidários do nazismo e do fascismo quanto aquelas dos inimigos dos regimes nazista e fascista eram consideradas ilegais. A declaração de guerra do Brasil às potências do Eixo (Alemanha e Itália) em agosto de 1942 atinge indistintamente refugiados e membros das minorias étnicas provenientes destes países.

Quanto aos escritores e intelectuais pode-se, de um modo geral, constatar que a grande maioria veio para o Brasil só a partir de 1938 e em muitos casos somente porque a emigração para os Estados Unidos não era possível. O Brasil não era portanto para a grande maioria o país de asilo desejado. Ao contrário do que aconteceu no México e na Argentina, os escritores exilados no Brasil não conseguiram, até por razões legais em função do decreto de 1941, fundar uma editora própria ou publicar em editoras brasileiras obras em alemão. Por essa razão, algumas das obras literárias ou ensaísticas destes escritores e intelectuais foram traduzidas e publicadas em francês ou em português. Além disso, grande parte das obras escritas no Brasil só foi publicada no original nos países de fala alemã da Europa

após a II Guerra ou permaneceu inédita até hoje. O fato de que poucos escritores e intelectuais representativos e conhecidos se exilaram no Brasil explica também a pouca importância do Brasil enquanto local de produção de literatura do exílio. Dentre os escritores mais representativos situam-se Stefan Zweig (1881-1942); Paula Ludwig (1900-1974), autora de ampla obra lírica; Leopold von Andrian-Werburg (1875-1951), poeta pertencente ao círculo de Stefan George e de Hugo von Hofmannstahl em Viena; e o poeta, romancista e dramaturgo Ulrich Becher (1910-1990). Nem Paula Ludwig nem Leopold von Andrian-Werburg escreveram ou publicaram no Brasil. Há, como já mencionado acima, algumas obras literárias de importância ainda inéditas até hoje, dentre as quais destacam-se o romance autobiográfico *Der Schmelztiegel* (O caldeirão de culturas) de Marthe Brill (1894-1969) e a autobiografia romanceada *Seidenraupen* (O bicho-da-seda) de Hugo Simon (1880-1950), importante personalidade da vida política e cultural da República de Weimar. Os intelectuais mais representativos fizeram suas respectivas carreiras e se tornaram conhecidos após a II Guerra no Brasil. Dentre estes, é importante mencionar: Otto Maria Carpeaux (1900-1978); Herbert Moritz Caro (1906-1991); Anatol Rosenfeld (1912-1973); Vilém Flusser (1920-1991); Paulo Rónai (1907-1992); e o casal Egon (1910-1991) e Frieda Wolff (1911).

Contam-se, entre as obras publicadas no Brasil, coletâneas de ensaios pseudo-filosóficos (*Die Totalschau des Universums* em 1945 de Walter Menzl); de ensaios literários (*A cinza do purgatório* em 1942 e *Origens e fins* em 1943 de Otto-Maria Carpeaux por exemplo); obras sobre a questão judaica (*Judeus te contemplan!* em 1945 de Erich Fraenkel por exemplo); romancês históricos e/ou de entretenimento traduzidos para o português (*À sombra do Corcovado* em 1941 de Frank Arnau e *Beaumarchais, o aventureiro do século da mulher* em 1942 de Paul Frischauer por exemplo); relatos autobiográficos (*À la recherche d'un monde perdu* em 1944 de Susanne Eisenberg); e, por fim, três biografias elogiosas de Getúlio Vargas, escritas por encomenda do Departamento de Imprensa e Propaganda

do Estado Novo pelos autores Paul Frischauer, Wolfgang Hoffmann-Harnisch e Hans Klinghoffer.

3. Ulrich Becher

A única obra literária em alemão escrita e publicada no Brasil durante os anos 40 foi *Das Märchen vom Räuber, der Schutzmann wurde* (A lenda do salteador que se tornou policial) de Ulrich Becher, mimeografada numa tiragem de 500 exemplares em 1943 e distribuída pela *Notbücherei deutscher Antifaschisten in Rio de Janeiro* (Impressora de emergência dos alemães anti-fascistas no Rio de Janeiro), fundada por Willy Keller, diretor de teatro também exilado no Brasil. A difusão desta pequena obra se restringiu aos simpatizantes da causa anti-fascista e aos membros da *Notgemeinschaft deutscher Antifaschisten* (Associação de emergência dos alemães antifascistas), liderados também por Willy Keller. Neste conto, o autor traça o perfil de Adolf Hitler como gângster, bandido e líder de um bando de assaltantes, que é chamado pelos poderosos para conter e eliminar a revolta dos trabalhadores.

Durante sua curta estada no Brasil (1941-1944), Ulrich Becher escreveu quatro dos cinco romances do *Brasilianischer Romanzero* (Romanceiro brasileiro), publicado em 1962 em Hamburg/Alemanha. A obra é composta de 5 romances, sendo que o primeiro e o último são os mais longos: “Romance dos cachorros raivosos do Rio”, “Romance da floresta estranha”, “Romance da árvore vermelha”, “Romance da morte do beija-flor”, e “Romance do encontro com João Damasceno Baunilha”. Além disso, escreveu no Brasil grande parte do poema narrativo *Die Ballade von Franz Patenkindt-Romanze von einem deutschen Patenkind des François Villon in fünfzehn Bänkelsängen* (A Balada de Franz Patenkindt – Romance de um afilhado alemão de François Villon em quinze canções ambulantes),

publicada somente em 1980 em Munique/Alemanha. A estada no Brasil, no entanto, inspirou-o também na composição das peças de teatro *Samba e Der Herr kommt aus Bahia* (O Senhor vem da Bahia), que numa versão posterior tem o título de *Makumba*, da maior parte dos poemas da coletânea *Reise zum blauen Tag* (Viagem ao dia azul), assim como dos contos “Die Frau und der Tod” (A mulher e a morte) (BECHER 1969: 203/326) e “Fussballeidenschaft des Napoleon Bonaparte” (A paixão pelo futebol de Napoleon Bonaparte) (BECHER 1983: 203/212). Em todas estas obras, o autor descreve um mundo de estranhezas, de paisagens mágicas e às vezes ameaçadoras. Os brasileiros têm nomes fantasiosos (em sua maioria de origem romana ou grega; Agamenon, Napoleão, Capitulina, Orestes etc.). Entregam-se ao hipnotismo dos transe da macumba e ao poder da magia negra, o que atesta o misticismo dos brasileiros. O transe se repete também no carnaval, quando o rufar dos tambores e a cadência ritmada da música levam as pessoas ao delírio. A ignorância e a miséria proliferam na cidade como a raiva entre os cães vira-latas no “Romance dos cachorros raivosos”. A linguagem do autor é carregada de adjetivos, as imagens são quase barrocas, as descrições da natureza são impregnadas de medo e fascinação. Os heróis das peças e contos são peregrinos num mundo exótico e ameaçador. A natureza surge sobretudo no *Brasilianischer Romanzero* como um *locus amoenus*, um paraíso terrestre em contraposição ao inferno da cidade do Rio de Janeiro.

“O poeta transmite através de comparações, metáforas e alusões mitológicas o movimento e o encanto da natureza, e deixa-se envolver pela atmosfera inebriante da paisagem de beleza máxima, nunca antes vista. O poeta transmite ao leitor a sensação de estar diante de um espaço primordial, intocado, inédito, como aquele do paraíso ou da idade do ouro.” (SOUSA 1996: 75)

O estilo do autor, por alguns críticos denominado de *Urwaldbarock* (barroco tropical) (ZELLER 1983: 58), é sobrecarregado de imagens exóticas e mitológicas e construções sintáticas incomuns, sobretudo nos romances de *Brasilianischer Romanzero*.

Ulrich Becher nunca foi em vida um autor muito conhecido. Segundo um dos pesquisadores de sua obra, Dieter Bachmann, Becher pertence à geração de autores que foi “devorada” pela II Guerra Mundial. Era jovem demais e desconhecido, quando partiu para o exílio. Após o término da Guerra, ele e outros de sua geração não conseguiram se tornar conhecidos (BACHMANN 1970: 27).

4. Hugo Simon

Juntamente com Stefan Zweig, Hugo Simon foi um dos mais proeminentes exilados no Brasil. Não cabe aqui, no entanto, traçar a trajetória biográfica de Simon. Mas é importante assinalar que ele foi, durante a República de Weimar, banqueiro, mecenas, colecionador de obras de arte moderna, curador do Museu de Arte Moderna de Berlim, membro influente do partido social-democrata e acionista da casa editorial Fischer. O seu exílio no Brasil começou sob circunstâncias pouco auspiciosas. Por estar sob ameaça de deportação para a Alemanha após a invasão alemã na França, onde ele e sua família viviam desde 1933, Simon teve que comprar um passaporte tcheco com o nome de Hubert Studenic. Foi com esta identidade que ele chegou ao Brasil em 1941. Com medo de ser denunciado às autoridades policiais brasileiras, ele e sua esposa saíram do Rio de Janeiro e se transferiram para Barbacena (MG). No Brasil, o casal Simon vivia precariamente, praticamente sem ter acesso aos depósitos financeiros na Inglaterra e nos EUA. Em Barbacena, Simon fez amizade com outro exilado ilustre, o escritor francês Georges Bernanos, e se dedicou à criação e ao estudo do bicho-da-seda. Somente após a II Guerra Simon conseguiu, com a ajuda de cartas de Albert Einstein e de Thomas Mann, que comprovavam sua identidade verdadeira, restabelecer sua situação civil. Sua autobiografia romanceada *Seidenraupen* foi escrita em Barbacena e em Penedo (RJ), onde passou seus últimos anos de vida. Não cabe, no entanto, no escopo deste ensaio uma

análise exaustiva do romance. Apontarei apenas alguns dos aspectos mais importantes desta obra inédita.

A ação das mais de 1.600 páginas deste romance, que não foi terminado, se estende de 1890 a 1940. Os vinte capítulos descrevem as principais passagens da trajetória do narrador, Hubert, que muitas vezes se assemelham à trajetória do autor: a infância numa pequena cidade da fronteira da Prússia com a Polônia; juventude e formação como agrônomo; atividade como fazendeiro na propriedade paterna, mudança para Berlim; casamento; transição para a atividade bancária; a I Guerra Mundial; revolução de novembro de 1918 na Alemanha; participação no 1º gabinete ministerial do estado da Prússia como ministro das finanças no início da recém-criada República de Weimar; retirada da atividade política; participação na vida cultural da República; criação de uma fazenda-modelo; ascensão do partido nazista ao poder em 1933; fuga para a França no mesmo ano; participação ativa nos comitês de auxílio aos refugiados; e finalmente eclosão da II Guerra Mundial. Esta última estação deveria ter sido complementada pela narrativa da fuga em circunstâncias dramáticas da França e posteriormente pela descrição da nova vida no Brasil como criador do bicho-da-seda.

Embora o romance pareça uma autobiografia do autor, ele na verdade segue o modelo do gênero literário *Bildungsroman* (romance de formação). As referências autobiográficas são muitas, sobretudo aquelas relacionadas ao pano de fundo histórico e social e à descrição de alguns fatos da vida do autor, mas o modelo básico do romance – o desenvolvimento gradual da personalidade do protagonista – orienta-se claramente por alguns exemplos do gênero *Bildungsroman*. Os modelos literários são em primeiro lugar a autobiografia *Aus meinem Leben. Dichtung und Wahrheit* (Da minha vida. Poesia e Verdade) de Johann Wolfgang Goethe e o romance de formação *Der Nachsommer* (O Verânico) de Adalbert Stifter. Há no romance de Simon e de Stifter os mesmos temas: cultivo e lavoura de árvores frutíferas, sobretudo das amoreiras; implementação de polí-

ticas agrárias; melhoria e aperfeiçoamento do gosto artístico e principalmente a busca de um centro espacial e espiritual como lugar de tranqüilidade, segurança e paz interior. No romance de Simon, o centro espacial é a fazenda-modelo em Seelow, com seu aviário, jardins floridos e estufa de flores raras e exóticas. O centro espiritual se concretiza na idéia do socialismo, no empenho pelas reformas sociais, que incluíam uma política de distribuição de terras para os camponeses bóias-frias com o objetivo de diminuir o desemprego nas cidades, e na luta pacifista durante a I Guerra Mundial. O cultivo do bicho-da-seda é o cruzamento das duas formas de tranqüilidade desejadas. Ele é a comprovação de que “as fronteiras não existem quando os povos querem cooperar pacificamente, intercambiando seus talentos para o proveito recíproco” (SIMON s.d.: 11).

Com a ascensão do nazismo, o centro de paz e segurança, representado pela fazenda-modelo, é destruído. Só no Brasil, então, a busca deste centro termina, o que já é antecipado no primeiro capítulo do romance através da descrição de uma viagem do naturalista e criador de bichos-da-seda Dr. Niels. É também o interesse mútuo pelo bicho-da-seda que aproxima o protagonista de sua futura esposa: “Parece que são os fios misteriosos do bicho-da-seda que sempre se tecem em torno da minha vida” (ib.: 453).

A busca da tolerância e da harmonia são os pontos que unem os personagens do romance. O intercâmbio de idéias, o refinamento do gosto artístico e também os ideais humanistas aproximam e enredam com seus fios de seda os personagens do romance. Mas a harmonia e a tolerância encontradas têm sempre pouca duração. Fatores externos tornam provisórios os espaços de harmonia, seja na cidade natal do protagonista, em Seelow, ou no círculo de amigos em Berlim. Todas as tentativas de cultivo do bicho-da-seda significativamente fracassam. Em última análise, o autor mostra que na Alemanha sob aquelas condições históricas não há lugar para projetos utópicos social-reformistas nem para se seguir o modelo de formação humanista.

“*Seidenraupen* é um exemplo raro, mas não incomum, de obra da literatura alemã do exílio de autoria de judeus alemães, que em termos de composição e de idéias foi profundamente marcada pelo idealismo alemão. O significado artístico deste tipo de texto é em geral não muito grande, pois se trata caracteristicamente de uma obra epigonal; seu valor histórico-cultural como documento da recepção continuada do idealismo alemão, da ‘religião’ dos judeus alemães assimilados é ao contrário imenso.” (TRAPP 1986: 31)

A identificação do autor do romance com o mundo alemão é tão grande, que sintomaticamente o protagonista de *Seidenraupen* é de origem protestante. A questão do judaísmo e das relações entre judeus e alemães é praticamente inexistente no romance.

O Brasil surge no romance como a última alternativa para a realização do projeto humanista personificado no cultivo do bicho-da-seda. As referências ao Brasil relacionam-se, como já citado acima, às narrativas de viagens de pesquisa naturalista. Além disso, o Brasil aparece como uma espécie de refúgio para os que querem escapar da opressão alemã. A possibilidade de emigração para o Brasil é sempre mencionada quando os males políticos da Alemanha são abordados: a guerra, o militarismo, o espírito de subalternidade e a obediência cega. Quando, por exemplo, o amigo do protagonista, Robert, resolve emigrar para a França e tenta convencer o protagonista a ir com ele, por acreditar que em caso de uma guerra o partido social-democrata seria incapaz de impedi-la, Hubert lhe responde:

“Pode ser que chegue a hora em que eu tenha que ir embora daqui. Mas neste caso eu não gostaria de ficar na Europa. Penso num país como o Brasil, lá se poderia viver.” (SIMON s.d.: 526)

Anos depois, quando a guerra parece já praticamente inevitável, Robert exorta-o de novo a emigrar:

“Se a Europa te for muito estreita, vá então para o Brasil. Só não fique na Alemanha, nesta terra, onde até os poetas e os pensadores,

sem falar na maioria dos políticos, foram e são súditos obedientes.”
(ib.: 840)

Neste sentido, *Seidenraupen* é: “um ajuste radical de contas com a Alemanha com os meios do romance clássico de formação. A ruptura com a Alemanha é definitiva.” (TRAPP 1986: 37)

O Brasil é, em última análise, o lugar utópico, onde as iniciativas social-reformistas do protagonista devem ser bem sucedidas. Por isso, o Brasil na verdade não é um país real, mas sim um objetivo longínquo, um sonho. O romance *Seidenraupen* é, além disso, um documento literário valioso para análise da mentalidade da burguesia de esquerda não-comunista na Alemanha durante os últimos anos do Império Wilhelminiano e durante a República de Weimar. Como Hugo Simon não retornou à Alemanha após a II Guerra, ele e seu romance são hoje praticamente desconhecidos. Autor e obra, assim como as tendências éticas e social-reformistas da elite burguesa de esquerda da República de Weimar caíram no esquecimento.

Referências Bibliográficas

- BACHMANN, Dieter. “Die Gegenwart als Geisterbahn. Hinweis auf den Autor Ulrich Becher anlässlich der Resistenz des Publikums gegen seinen grossen Roman Murreljagd”. In: *Die Weltwoche* Nr. 34, agosto de 1970.
- BECHER, Ulrich. *Reise zum blauen Tag*. St. Gallen, Buchdruckerei Volksstimme, 1946.
- BECHER, Ulrich. *Samba*. Viena, Universal Edition, 1950.
- BECHER, Ulrich. *Der Herr kommt aus Bahia*. Reinbek bei Hamburg, Rowohlt, 1958.
- BECHER, Ulrich. *Brasilianischer Romanzero*. Reinbek bei Hamburg, Rowohlt, 1962.

- BECHER, Ulrich. “Makumba”. In: *Spiele der Zeit II*. Berlin, Weimar, Aufbau, 1968.
- BECHER, Ulrich. “Die Frau und der Tod”. In: *New Yorker Novellen. Ein Zyklus in drei Nächten*. Berlin, Weimar, Aufbau, 1969.
- BECHER, Ulrich. *Franz Patenkindt. Romanze von einem deutschen Patenkind des François Villon in fünfzehn Bänkelsängen*. München, Universitäts-Verlag, 1980.
- BECHER, Ulrich. “Fussballleidenschaft des Napoleon Bonaparte”. In: *Vom Unzulänglichen der Wirklichkeit. 10 nicht so nette Geschichten*. Basel, Lenos, 1983.
- BERG, Jan & BÖHME, Hartmut & al. *Sozialgeschichte der deutschen Literatur von 1918 bis zur Gegenwart*. Frankfurt a.M., Fischer, 1981.
- Biographisches Handbuch der deutschsprachigen Emigration nach 1933* (org. Institut für Zeitgeschichte München & Research Foundation for Jewish Immigration New York, direção e redação Werner Röder & Herbert A. Strauss). 3 vols., München, New York, London, Paris, K.Saur, 1980.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O anti-semitismo na Era Vargas. Fantasmas de uma geração (1930-1945)*. São Paulo, Brasiliense, 1988.
- DINES, Alberto. *A morte no paraíso. A tragédia de Stefan Zweig*. 2.Ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.
- KESTLER, Izabela M. Furtado. *Die Exilliteratur und das Exil der deutschsprachigen Schriftsteller und Publizisten in Brasilien*. Frankfurt a.M., Peter Lang, 1992.
- KESTLER, Izabela M. Furtado. “Judeus e alemães: De Moses Mendelsohn a Adolf Eichmann”. In: *Cadernos de Letras* 11. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/UFRJ, 51-54, 1995.
- OBERACKER, Karl Heinrich. “Die Vernichtung der deutschsprachigen Presse in Brasilien im Jahre 1941”. São Paulo, Instituto Hans Staden, s.d.
- ROJER, Olga Elaine. *Exile in Argentina 1933-1945. A historical and literary introduction*. Frankfurt a.M., Peter Lang, 1989.

SIMON, Hugo. *Seidenraupen*. [Cópia doada pela família Simon encontra-se no Hamburger Arbeitsstelle für deutsche Exilliteratur (Arquivo de Hamburgo de literatura alemã do exílio)].

SOUSA, Celeste H.M. Ribeiro. *Retratos do Brasil. Hetero-imagens literárias alemãs*. São Paulo, Editora Arte & Cultura, 1996.

STAGHUN, Gerhard. "Heinrich Heine: um solitário – um poeta entre nações e religiões". In: *Deutschland. Revista de política, cultura, economia e ciência*. Bonn, Societäts-Verlag, Nr. 2, Abril de 1997.

TRAPP, Frithjof. "Die Autobiographie des Bankiers und Politikers Hugo Simon. Politische Reflexion im Medium des deutschen Idealismus". In: KOCH, Edita (Org.). *Zeitschrift Exil*. Caderno 2, ano VI., Maintal, 1986.

VON ZUR MÜHLEN, Patrik. *Fluchtziel Lateinamerika. Die deutsche Emigration 1933-1945: politische Aktivitäten und soziokulturelle Integration*. Bonn, Neue Gesellschaft, 1988.

ZELLER, Nancy Anne. *Ulrich Becher: a computer-assisted case study of the reception of an exile*. Frankfurt a.M., Peter Lang, 1983.

PRESENT DIRECTIONS OF GERMAN EXILE STUDIES IN THE USA

Hans-Bernhard Moeller*

Abstract: This essay considers the present state of U.S. scholarship on German exile literature, focusing on the recent move from a purely literary toward a social and cultural perspective. This move becomes evident in research projects on refugee children as well as in the growing interest for women in exile.

The article presents the abundant research opportunities in the U.S., but mentions also voices of frustration and fatigue. Perhaps the generational replacement among North-American Germanists contributes to bring forth a different attitude toward the subject of literary exile. In view of political shifts and technological changes, some reorientation in literary exile studies may be inevitable.

Keywords: German Exile Studies in the U.S.; Exile Children; Women in Exile.

Resumo: Este ensaio trata da presente situação dos estudos norte-americanos sobre literatura alemã de exílio, focalizando a volta recente de um enfoque puramente literário a uma perspectiva social e cultural. Essa volta torna-se evidente em projetos de pesquisa sobre filhos de exilados, bem como no interesse crescente em mulheres no exílio.

O artigo apresenta as oportunidades abundantes de pesquisa nos Estados Unidos, mas observa também indícios de frustração e cansaço. Talvez, a troca de gerações entre os germanistas norte-americanos contribua para criar uma atitude diferente em relação ao assunto do exílio literário. Em vista de modificações políticas e mudanças tecnológicas, uma reorientação dos estudos literários do exílio pode ser inevitável.

* The author is Associate Professor of German Studies, Film and Comparative Literature at the University of Texas, Austin. The author's address: Prof. Hans-Bernhard Moeller, Ph.D., Department of Germanic Studies, E. P. Schoch H. 3.102, University of Texas, Austin, Texas 78712. E-mail: h-b.moeller@mail.utexas.edu.